

EDITORIAL

Sinodalidade, missão e clericalismo

“Pelo advento deste Reino na história das pessoas, nos colocamos ao lado delas a caminho, para tornarmos, todos juntos, pessoas livres, que promovem a justiça e a paz, na espera operante que Deus seja tudo em todos” (C 8).

Nos encontramos virtualmente online por ocasião do 10º CE-MLA, de 07 a 11 de março de 2022, para refletir sobre “sinodalidade e missão”. Estavam presentes os xaverianos Rafael López Villaseñor, Estêvão Raschiatti, Francisco Xavier Martínez Rodrigo, Pascal Atumissi Bekububo e Gerardo Custodio López; a leiga xaveriana Marta Barral Nieto, que trabalha no Alto Solimões; as Missionárias de Maria-Xaverianas Elisabete Miguel Espinhara, Tea Frigerio e Elisa Silva. Juntos, analisamos os artigos elaborados por cada um e cada uma durante o ano de 2021, abordando o tema principal.

“Sinodalidade e missão” é um assunto intrigante porque de um lado parece nos fascinar e nos convocar para uma importante reflexão e conversão; por outro, causa certo embaraço porque nos acostumamos a imaginar a igreja dentro de padrões institucionais pouco democráticos, e a missão dentro dos esquemas pragmáticos da velha cristandade. Democracia, participação, diálogo, itinerância são ainda assuntos meio tabus numa igreja que quer caminhar junto aos povos, mas que ainda se propõe como instituição monárquica, absoluta, universal e patriarcal.

No entanto, sinodalidade aponta inequivocavelmente para uma igreja de iguais, circular, plural, que respeita e reconhece as diferenças nesse “caminhar juntos” no seguimento de Jesus, que não abafa mas estimula as minorias proféticas em seu seio, ao mesmo tempo que busca um consenso entre todos sobre os rumos a tomar, para que sua presença no mundo seja verdadeiramente sinal e sacramento do Reino de Deus.

Sinodalidade aponta, portanto, para uma missão feita em conjunto, articulada e partilhada, onde o protagonismo de generosos agentes consagrados se dissolve na sinergia de uma rede eclesial, onde cada um colabora essencialmente com a ação de Deus no meio dos povos, e todos juntos em um mutirão de relações renovadas, dialógicas e decoloniais, promovendo humanização, reconciliação e libertação integral. Neste sentido, a sinodalidade alude a uma reconfiguração decidida e qualitativa da igreja, como também de seus ministérios e serviços, numa desejável simetria entre todos os membros do Povo de Deus.

Nossa impressão, porém, é que essa sinodalidade não despertou um grande interesse. Parece necessário um exercício de muita articulação e um longo processo de interação. Uma igreja missionária e sinodal implica um alto nível de maturidade e comprometimento, entrega e despojamento, firmeza na fé e ousadia na esperança: caridade criativa acima de tudo.

Sem dúvida, os tempos de individualismo competitivo em que estamos mergulhados, não ajudam. Posturas introvertidas, conformistas e antissociais provocam isolamento doentio, acomodação, alienação da realidade e aversão aos outros, o que não contribui em nada a criar engajamentos solidários e laços comunitários.

Também, somos herdeiros e herdeiras de uma igreja que vem de uma milenária tradição clericalista, autoritária e misógina, na qual o bispo/padre/varão manda e o povo obedece. O clericalismo, antes de representar uma instância corporativa, se configura como um arquétipo profundamente enraizado na autoconsciência eclesial de todos os membros do Povo de Deus.

O clericalismo é atualmente a maior praga que corrompe e alimenta o narcisismo e a paralisia eclesial. Fundamentado numa concepção essencialista, espiritualizada e hierarcológica de igreja, representa o núcleo central de todos os entraves institucionais, aquela fundamental “estrutura caduca” que não favorece a transmissão da fé (DAp 365) e que constitui a principal instância que se opõe à sinodalidade.

Também o mundo missionário parece custar a dar passos decididos nesse quesito. Em geral, os membros das congregações missionárias são bastantes imunes às frivolidades clericais à vista, apesar de exceções sempre mais frequentes.

Contudo, diversos aspectos permanecem, constituindo um problema pouco percebido em sua gravidade. Com efeito, a maioria dos membros dos institutos missionários são presbíteros e sua formação é direcionada exclusivamente para isso. Há pouquíssimo espaço para outro tipo de opção e nem se incentiva uma animação vocacional para consagrados médicos, operadores sociais, pesquisadores, antropólogos, artistas, teólogos etc.

Ao contrário dos albores da epopeia missionária moderna na qual havia de fato certa formação interdisciplinar, hoje a missão sai de um processo seminarístico exclusivamente clerical, a ponto que os quadros das agências missionárias se reduzem ao trabalho pastoral-sacramental de comunidades já constituídas. Tudo isso sem contar com todos os vícios que acarreta a adesão a esse tipo de ofício de áurea sacral.

Há uma entrega à missão e uma ao ministério ordenado que precisam ser ajustadas. Se o Papa Francisco baixasse hoje um decreto para os missionários exercer o ministério somente em sua própria comunidade religiosa, ou excepcionalmente nas comunidades cristãs pobres e longínquas que se caracterizam como “missões”, deixando as comunidades constituídas aos ministros locais, tanto homens como mulheres, provavelmente teríamos um significativo êxodo ou uma preocupante crise dos efetivos já escassos dos institutos missionários.

O tema da sinodalidade aponta também para esse tipo de encaminhamento, hipotético por enquanto, mas procedente em vista de uma igreja missionária sinodal. Acreditamos oportuno tomarmos a sério essa perspectiva, para dispormos a ser conduzidos e conduzidas, aos poucos, a uma profunda renovação.

Com esse espírito, essa visão e essas convicções, tratamos neste caderno da sinodalidade em sua relação essencial com a missão segundo diversos aspectos.

Em primeiro lugar, **a sinodalidade convida a repensar profundamente a missão:** (1) em sua essencialidade, voltada mais às relações do que às obras; (2) em sua prática pastoral, caminhar e trabalhar juntos como comunidade missionária; (3) em sua projeção ad extra como “canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação da Igreja” (EC 1). Neste sentido, a sinodalidade adquire um significado decisivo e relevante somente em vista da missão, assim como a missão exige uma igreja sinodalmente renovada para que se promova uma missão autenticamente sinodal. Esse é o assunto do primeiro artigo, cuja autoria é de Estêvão Raschietti.

Em seguida há o texto de Rafael López Villaseñor, que retrata **os primeiros passos do exercício sinodal da igreja latino-americana.** Ele, que participou da I Assembleia Eclesial da Cidade do México em novembro passado, faz uma reflexão a partir da experiência vivenciada: um evento cheio de sonhos e esperanças com grandes utopias para a transformação da sociedade, mas que se esvaziou nas orientações pastorais finais.

Por sua vez, Elisa Silva aborda o tema da sinodalidade e missão sob três enfoques: **missão como testemunho de comunhão, missão ad intra e ad extra e missão no contexto.** Os horizontes que se vislumbram para a missão da Igreja hoje são vastos, não se limitam apenas a um trabalho ad gentes de sacramentalização ou administração; pelo contrário, necessitam de uma criatividade sinodal que desbrave novos caminhos e que costure novos tecidos correspondentes às demandas dos contextos em que hoje vivemos.

O quarto artigo deste caderno se debruça sobre a questão de **como os povos ameríndios compreendem a sinodalidade.** Pascal Atumissi Bekububo resgata o pensamento de Ailton Krenak, ancião do povo Krenak que comunica seus sonhos a partir da memória ancestral alimentada por vários anos de luta no movimento indígena. Para Krenak, “caminhar juntos” é “andar em

constelação”, seguindo a perspectiva de “adiar o fim do mundo”: trata-se de suspender o céu, defender a Mãe Terra e erradicar toda forma de concentração predatória a fim de reencantar a vida.

O texto a seguir é da Marta Barral, que apresenta **a sinodalidade missionária a partir dos documentos dos Sínodo dos Jovens e do Sínodo da Amazônia**. Essa sinodalidade marca uma abordagem sistêmica da realidade pastoral, por meio da qual somos chamados a assumir uma forma alternativa e profética de habitar o mundo. Isso não pode ser improvisado. Trata-se de realizar uma verdadeira conversão que requer uma mudança de mentalidade capaz de promover o discernimento comunitário, a escuta fraterna, o diálogo inter-geracional, intercultural e inter-religioso, a participação e a corresponsabilidade de todos e de todas. Estamos só no início do caminho, mas algumas mudanças já podem ser vistas.

No entanto Tea Frigerio pergunta: **a sinodalidade inclui a sororidade?** “Sororidade” não é o equivalente feminino de fraternidade, porque as mulheres não são homologáveis aos homens. Essa diferença marca a esfera existencial, emocional e espiritual. Isso pressupõe uma Igreja de irmãos e irmãs em Cristo, onde a fraternidade e a sororidade qualificam o estilo das relações. Para isso é preciso redescobrir a dimensão da casa, uma igreja doméstica que brota do chão, da simplicidade acolhedora, que toma distância das estruturas patriarcais, que abandona toda discriminação e que substitui a religião do templo com a religião do cotidiano e da vida.

Enfim, temos dois artigos que complementam esse caderno sobre sinodalidade e missão. O primeiro da Beth Espinhara, que celebra **o centenário do nascimento de Paulo Freire**, intelectual conhecido internacionalmente pela sua “pedagogia do oprimido”. Resgatar essa figura é contribuir com a compreensão de uma sinodalidade que contribui a criar relações libertadoras e identidades decoloniais. Nesse sentido a educação é chamada a atuar como agente transformador para a construção de uma sociedade sem opressores e sem oprimidos.

A matéria final, proposta por Geraldo Custodio, retoma um ensaio magistral do missiólogo americano Robert Schreiter, recentemente falecido, sobre **os desafios atuais para a missão ad gentes**. Assim como a sinodalidade, também os debates sobre a missão despertam interesses e ao mesmo tempo ceticismos, quase não quiséssemos abordar questionamentos que sacudam demasiadamente nossa identidade institucional. Contudo, Schreiter sugere olhar para a situação atual para reeditar uma missão ad gentes atualizada: assim como o império criou uma infra-estrutura para a missão da qual somos herdeiros, a atual ordem mundial cria também outra infra-estrutura para a missão ad gentes que devemos abordar.

E sobre esse assunto iremos voltar em ocasião do nosso próximo encontro que acontecerá de 6 a 10 de março de 2023, (esperamos desta vez) em Mazatlan, México ... se Deus quiser!

Ataláia do Norte, Belém, Curitiba,
Guadalajara, Londrina, Mazatlan,

São Paulo, 25 de abril de 2022